



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

ENTRE TRAMAS & IMAGENS: CURRÍCULO, SUJEITOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS E ESPAÇOS ESPECIALIZADOS

Kátia Silva Santos*
(UESB)

RESUMO

Este texto é resultado da articulação da pesquisa desenvolvida em curso de pós-graduação, nível mestrado, entre os anos de 2005 e 2007, e atuais incursões em nível de doutorado. Uma produção que tem como objetivo pensar/compreender a inclusão escolar dos sujeitos com necessidades educacionais especiais e a presença dos espaços especializados no interior das escolas, tendo como pano de fundo o currículo. Ancorado em uma abordagem qualitativa, o presente estudo sugere uma discussão que vá além das indicações do processo de adaptação e complementação curricular previstas pelo Ministério da Educação – MEC, vislumbrando o “imprevisto” no currículo.

PALAVRAS-CHAVE: Necessidades educacionais; Sujeitos; Espaços.

INTRODUÇÃO

Falar/tratar da inclusão escolar dos sujeitos com necessidades educacionais especiais implica pensar o currículo, e pensá-lo sugere adotarmos um entendimento de que este vai além da definição simplista de uma mera organização dos conteúdos. Mas, quem sabe, compreendê-lo como uma espécie de trama “poética”, como sugere

*Professora da Rede Municipal de Educação de Vitória da Conquista- BA, Licenciada em Pedagogia – UESB, Mestre em Educação e Doutoranda pela UFRGS. E-mail: katiapedagogi@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Silva (2004), ou seja, como algo móvel, instável que significa e ressignifica o cotidiano de uma escola.

Proponho, neste texto, o complexo exercício de pensar/compreender a inclusão dos sujeitos com necessidades educacionais especiais e a presença dos espaços especializados no interior das escolas tendo como pano de fundo o currículo. Para tanto, penso ser importante realizar uma aproximação com as imagens do nosso tempo; retomar um pouco da atual política da educação especial/inclusiva; e, finalmente, analisar as implicações dos espaços especializados para o interior das escolas regulares. Vamos situando, descentrando, remontando episódios do nosso agora.

Imagens da contemporaneidade e a inclusão escolar dos sujeitos com necessidades educacionais especiais

A velocidade e as inovações tecnológicas têm caracterizado nossa contemporaneidade, eis a premissa. O processo de globalização da comunicação, da informação e da economia tem modificado nossas noções de tempo e espaço no mundo. Ao que me parece, estamos vivendo, em vários campos, um deslocamento do tempo inaugurado pelo “relógio” moderno, metáfora do paradigma mecanicista. Tal paradigma é responsável pelas crenças em verdades absolutas, na objetividade e na neutralidade.

Em nossa atualidade, ao contrário, a todo momento são estabelecidos tensos diálogos entre o local e o global, a homogeneidade e a diversidade, o real e o virtual, elementos que evocam a instabilidade, a subjetividade. É nesse panorama que a opção pela inclusão escolar de sujeitos com necessidades educacionais especiais tem sido assumida. Esta opção sugere a constituição de um espaço educacional menos discriminatório e, portanto, mais democrático.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O movimento mundial pela inclusão constitui-se um novo paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos. Tal movimento foi intensificado a partir da Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), da Declaração de Salamanca (1994) e, mais recentemente, da Convenção da Guatemala (1999). Países como Itália, Canadá, Estados Unidos e Brasil, dentre outros, têm assumido este novo paradigma.

Contudo, tenho percebido que muitas pessoas têm falado/tratado acerca da inclusão educacional como se este movimento possuísse um fim em si mesmo, simplificando suas conseqüências no momento que reduzem este complexo processo a uma metodologia didática (BAPTISTA, 2006). O contato com tais posicionamentos tem intensificado alguns questionamentos que venho fazendo há algum tempo: como este movimento pode ser definido? Quais são suas bases/fundamentos? **Quais são suas implicações para o currículo, para o cotidiano da escola?** Tentarei responder a esta última questão no transcorrer dos próximos itens.

Tramas para o currículo nos contextos inclusivos

Defendemos, neste texto, a posição de que a construção de **sistemas educacionais inclusivos** configura-se em uma experiência revolucionária e, portanto nada passiva (EIZIRIK, 2006). Implica, pois, em mudanças profundas **tanto** na estrutura das escolas e classes especiais **quanto** na organização de escolas e classes comuns/regulares.

Um passeio pela história nos permite perceber que, por um lado, a educação especial, vem se organizando tradicionalmente, desde o século XVII, como um atendimento educacional especializado **substitutivo** ao ensino comum. Por outro lado, a escola regular tem evidenciado, em seu espaço, a presença de mecanismos que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

desencadeiam processos de seleção dos sujeitos mais capazes e, ao mesmo tempo, de exclusão, do seu contexto, daqueles que não se adéquam ao seu ritmo, seu perfil. Neste sentido é que temos percebido a complexidade do processo de inclusão escolar dos sujeitos com necessidades educacionais especiais. Tal complexidade poderá ser vislumbrada se observamos o contexto brasileiro.

No Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, novos direcionamentos para a Educação Especial começam a ganhar forma. A Carta Magna traz, como um dos seus fundamentos, promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outros. No artigo 205, define a educação como direito de todos; no artigo 206, estabelece igualdade de condições de acesso e permanência na escola, sendo dever do Estado garantir a oferta do atendimento *educacional especializado* preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988). Neste momento, assistimos a um processo inicial de deslocamento do entendimento da educação especial como espaço *substitutivo* ao ensino comum/regular *em direção* a um entendimento da educação especial como modalidade transversal em relação às outras modalidades de ensino. Tal transversalidade poderá ser vislumbrada na figura abaixo:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Educação	Ed.Especial	Superior
Ensino		Médio
Ensino		Fundamental
Educação		Infantil

A materialidade desta transversalidade da Educação Especial se dá através da implantação do atendimento especializado **no interior** das escolas por meio das salas multifuncionais (MEC), Salas de Integração e Recursos, Laboratórios de Aprendizagem, dentre outros projetos. Estes espaços passam a fazer parte do cotidiano, do **currículo** das escolas comuns.

É importante destacar que o atendimento educacional especializado diferencia-se substancialmente da escolarização, pois deve ser oferecido em horário *oposto* à escolarização, justamente para que os alunos possam freqüentar as turmas de ensino regular. De acordo com o documento *Sala de Recursos Multifuncionais* (MEC, 2006), o atendimento educacional especializado deve ser uma ação dos sistemas de ensino para acolher a diversidade ao longo do processo educativo. Constitui *parte diversificada do currículo* dos alunos com necessidades educacionais especiais, organizado institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar os serviços educacionais comuns. Ainda segundo o referido documento, complementa-se/suplementa-se o currículo oferecendo os seguintes suportes:

a) **Aos alunos com surdez:** o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, de forma dialógica, instrumental e como área do conhecimento, por meio do uso de tecnologias de informação; matérias bilíngües; convivência entre alunos; complementar os estudos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

referentes aos conhecimentos construídos nas classes comuns do ensino regular, considerando aspectos lingüísticos que envolvem a educação.

b) **Aos alunos com deficiência mental:** o estímulo ao desenvolvimento dos processos mentais: atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, criatividade, linguagem, entre outros; fortalecer a autonomia dos alunos para decidir, opinar, escolher e tomar iniciativas, a partir de suas necessidades e motivações; proporcionar a interação dos alunos em ambientes sociais, valorizando as diferenças e não a discriminação.

c) **Aos alunos com deficiência visual:** o apoio à alfabetização e o aprendizado pelo Sistema Braille; realizar a transição de materiais Braille/tinta, tinta/Braille; produzir gravação sonora dos textos; realizar a adaptação de gráficos, mapas, tabelas e outros materiais didáticos para uso de alunos cegos; promover a utilização de recursos ópticos (lupas, manuais eletrônicos) e não ópticos (cadernos de pauta ampliada, iluminação, lápis e canetas adequadas); adaptar material em caracteres ampliados para alunos com baixa visão; desenvolver técnicas e vivências de orientação e mobilidade e atividades de vida diária para autonomia e independência; desenvolver o ensino do soroban; promover adequações necessárias para o uso de tecnologias de informação e comunicação.

d) **Aos alunos com deficiência física:** a orientação do manejo de matérias adaptadas de comunicação alternativa (quando for o caso); vivência de mobilidade e acesso a todos os espaços da escola; atividades de vida diária que envolvem a rotina escolar; adaptação ao uso de prótese de membros superiores ou inferiores; promover o aprendizado da informática acessível, identificando o melhor recurso de tecnologia assistiva; uso da educação física adaptada.

e) **Aos alunos com dificuldades de comunicação expressiva:** a garantia do suprimento de material específico de Comunicação Aumentativa e Alternativa



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

(pranchas, cartões de comunicação, vocalizadores e outros) que atenda à necessidade comunicativa do aluno no espaço escolar; adaptar material pedagógico (jogos, livros de história) com simbologia gráfica e construir pranchas de Comunicação Aumentativa e Alternativa, utilizando o computador como ferramenta de voz a fim de lhes proporcionar expressões comunicativas; realizar atividades para desenvolver os processos mentais: atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, criatividade, linguagem, entre outros.

f) **Aos alunos com altas habilidades/superdotação:** garantir o suprimento de materiais específicos para o desenvolvimento das habilidades e talentos; promover ou apoiar a realização das adequações, complementações ou suplementações curriculares, por meio de técnicas e procedimentos de enriquecimento, compactação curricular.

A lógica dos espaços especializados no contexto das escolas regulares redefinindo o currículo

Os espaços especializados poderão ser considerados os locais pertencentes à escola que investigam e contribuem para superar as dificuldades de aprendizagem, bem como proporcionar a interação dos alunos com os conhecimentos escolares e com os outros instrumentos culturais de mediação. Esses espaços visam, ainda, ao desenvolvimento do pensamento, do conhecimento, da socialização e dos processos comunicativos construídos historicamente. Penso ser interessante, também, vislumbrarmos de forma detalhada, tomando como base as orientações do MEC (2006), as **características operacionais** desses espaços, que podem ser enumeradas da seguinte forma:

a) Onde funciona – os espaços especializados funcionam no interior das escolas regulares.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- b) Como funciona – nos espaços especializados são desenvolvidas atividades/estratégias de complementação ou suplementação curricular, atendendo aos alunos com necessidades educacionais especiais em turno oposto ao de estudo em sala de aula, com seus pares de idade.
- c) Quem trabalha – para atuar no atendimento educacional especializado, o professor deve ter formação específica. Esta formação pode ser adquirida por meio de cursos de graduação, pós-graduação ou cursos de formação continuada com aprofundamento em áreas específicas da educação especial.
- d) Quem são os sujeitos atendidos – segundo a atual Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), os sujeitos atendidos pelos espaços especializados são: os sujeitos com deficiência (física, mental, auditiva, visual), sujeitos com transtornos globais do desenvolvimento e sujeitos com altas habilidades/superdotação.

No próximo item destacaremos o que seria o imprevisto no currículo.

Abrindo possibilidades: o móvel, o instável no currículo

Com base nos itens anteriores, é coerente afirmar que a inclusão escolar dos sujeitos com necessidades educacionais especiais poderá ser potencializada pela presença dos espaços especializados no interior das escolas regulares. No entanto, tal presença destes espaços, por si só, não significa uma real inclusão destes sujeitos. Neste sentido, penso ser possível tratar deste “estar” “caminhar” dos sujeitos com necessidades educacionais especiais na escola destacando o *não previsto*. Mas o que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

podemos chamar de não previsto na escola? Seria o conflito? A quebra de imagens? O “fora de lugar”?

Vamos por partes, como bons cartesianos que somos: a entrada dos sujeitos com algum tipo de deficiência, com algum transtorno ou mesmo com superdotação no espaço escolar poderá gerar muitas imagens nas diferentes pessoas que participam de seu cotidiano. Essas imagens poderão interferir em toda a movimentação do currículo da escola. Neste texto, destaco duas destas imagens: a do “coitadinho (vamos ajudar)” e a do “monstrinho (não quero nem chegar perto)”. São termos fortes, talvez, mas isso acontece, posso afirmar. Ambos os termos geram os estereótipos.

Segundo Silva (2006, p. 51):

No estereótipo, a complexidade do outro é reduzida a um conjunto mínimo de signos: apenas o mínimo necessário para lidar com a presença do outro sem ter de envolver com o custoso e doloroso processo de lidar com as nuances, as sutilizações e as profundidades da alteridade.

Os estereótipos na escola funcionam como uma espécie de catalisadores para um processo muito perverso: o do “enquadramento” dos objetos e das pessoas em lugares/espacos determinados. É neste mover, quase invisível/visível, que o currículo, em sua face oculta, ganha conteúdo e forma bem definidos.

Definidas também são as imagens que vão surgindo nas salas de aula, na escola como um todo com a entrada das crianças/alunos/sujeitos com necessidades educacionais especiais na escola. Existe uma sinuosidade que faz com que esta presença seja permeada por conflitos. Conflitos do tipo: isso eu posso fazer? Isso eu não posso fazer. Que conteúdos eu ensino? Que conteúdos eu aprendo? Quem/que é



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

este outro? Este outro é a parte CEGA, SURDA, DEFICIENTE ou é um todo interligado que se constitui na linguagem e não fora dela?

Que conteúdos eu ensino/aprendo? Ensino e aprendo mais sobre as diversas formas que se apresentam a Matemática, as Ciências, o Português, a História, a Geografia; aprendo e ensino que estas podem ser *sentidas, visualizadas, interligadas*; Ensino e aprendo que no mundo há música, há poesia, há desenho, enfim, há arte. Ensino e aprendo que o ser humano é constituído por isso tudo... E sendo o humano este complexo mosaico, não faz sentido momentos de avaliação estanques que não levem em conta o processo, o todo.

Quem/que é este outro? Este outro é mesmo para nós o “fora de lugar”, o que foge ao padrão, mas é também, paradoxalmente, a chance que temos de vislumbrarmos novos contextos, novos encaixes, novos lugares. Quem sabe este “outro” nos leve a retirarmos o peso imposto pela modernidade, pois sabemos que o pensamento moderno, com emergência a partir do final do Século XV, além de marcar a separação entre a ciência e a filosofia, nos traz as questões da certeza (VASCONCELOS, 2005).

Imaginemos, pois, a vida sem estas tantas e estranhas verdades definitivas sobre as possibilidades do outro, de nós mesmos, da nossa prática. Quanta instabilidade esta forma de pensar nos gera... Confesso que é o que sinto agora. Porém, esta instabilidade nos imputa, paradoxalmente, a esperança no amanhã. Um amanhã incerto, mas instigante.

Para concluir brevemente...

Temos que concluir ou pensar que podemos concluir um texto para começar outro. Então, finalizo parcialmente esta produção, destacando que a entrada do aluno



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

com necessidades educacionais especiais na escola exige mais que o *previsto*, requer mais que a simples presença dos espaços especializados na escola. Sugere a quebra e, ao mesmo tempo, a reconstrução de imagens. Imagens que, ao serem refeitas, se misturam a novas formas de condução do currículo na escola. É neste sentido que afirmo que a inclusão sugere o móvel, o instável para/no currículo da escola. É no currículo, e não fora dele, que podemos operar; só que agora, quem sabe, possamos pensar em um operar mais sentido, mais reflexivo, mais marcado pela recursividade.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio R. Ciclos de formação, educação especial e inclusão: frágeis conexões? In: MOLL, Jaqueline (Org.) **Ciclos na escola, tempos na vida**: Criando possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp.191-207.

_____. A inclusão e seus sentidos: entre edifícios e tendas. In: BAPTISTA, Cláudio (org.) **Inclusão e escolarização**: Múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006, pp.191-207.

BAPTISTA, Cláudio R; SKLIAR, Carlos. Inclusão ou Exclusão. In: SCHIMIDT, Sarafí (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Infância, escola e uma nova compreensão de temporalidade. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Ciclos na escola, tempos na vida**: Criando possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp. 65-71.

BOSSA, Nádia A. Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. MEC-SEEP, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica**: Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Ed. Esplanada.

BRASIL. Ministério da Educação. **Constituição Federal**. Brasília, Imprensa Oficial.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC-SEEP, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Salas de Recurso Multifuncionais**. MEC-SEEP, 2006.
- BUENO, José Geraldo Silveira. Processos de Inclusão/Exclusão Escolar: desigualdades sociais e deficiências. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes (Org.). **Pesquisas e Educação Especial: mapeando produções**. Vitória: Edufes, 2005.
- _____. **A educação especial nas universidades brasileiras**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, 2002.
- _____. **A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular**. Temas sobre desenvolvimento. São Paulo, v. 9, n. 54, 21-27, jan/fev 2001.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- _____. **Uma promessa de futuro: aprendizagem para todos e por toda a vida**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- _____. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- _____. **A Realidade Educacional Brasileira e a produção da deficiência**. Cadernos de Educação Especial/ UFSM, v. 2, n. 10. 1997.
- CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. Escola Plural: a função de uma utopia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23^a, 2000, Caxambu. **Educação não é privilégio: anais**. Caxambu: ANPED, 2000. Trabalho encomendado.
- COLL, César; PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Necessidades Educativas Especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 (v. 3).
- Declaração de Salamanca e Linhas de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília, CORDE, 1994.
- FERREIRA, Júlio Romero. **A Exclusão da Diferença**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1994.
- FLEURI, Reinado Matias. **Educação Intercultural e Complexidade: implicações epistemológicas e perspectivas pedagógicas da educação intercultural no Brasil**. In: II SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 1999. Curitiba. Programa e Resumos. UFPR, 1999. v 1, pp. 358-358.
- MARQUES, Carlos Alberto; MARQUES, Luciana Pacheco. A educação especial e as mudanças de paradigmas. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes (Org.) **Pesquisas e Educação Especial: mapeando produções**. Vitória: Edufes, 2005.
- MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- MATURANA, Humberto R; e VARELA, Francisco J. **A Árvore do Conhecimento**. Ed. Palas Athena. 2001.
- MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- _____. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU, 1993.
- SANCHES, Isabel Rodrigues. **Necessidades educativas especiais: apoios e complementos educativos no quotidiano do professor**. Porto: Ed. Porto, 1996.
- SANTOS, Kátia Silva. **Os contornos da Escola: dificuldades de aprendizagem, espaços escolares e organização curricular por ciclos**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOUZA, Olga Solange Herval. **Nas entrelinhas da inclusão escolar de alunos com necessidades educativas especiais**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.
- TEZZARI, Mauren Lúcia. **"A SIR Chegou..."** Sala de Integração e Recursos e a Inclusão na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.
- EIZIRIK, Marisa F. Dispositivos de Inclusão: Invenção ou Espanto. In: BAPTISTA, Cláudio (org.). **Inclusão e escolarização: Múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006, pp.191-207.